

## RESPOSTA À MÃE DE RONALDO

(Artigo do jornalista David Nasser, publicado na revista “O Cruzeiro” de 9 de maio de 1959.)

Um ratinho de Borjalo, vendo um morcego, disse a sua velhinha: “ – Mamãe, olha lá um anjo”.

O respeito que nos merecia a Senhora Abigail de Castro, mãe desse indescritível Ronaldo, aumentou sensivelmente depois de seu gesto acedendo em ocupar a tribuna que lhe concedemos para a defesa de seu filho. Veio de longe, combalida, trazendo o sofrimento nas faces, a amargura dos dias ruins nos olhos, em cada gesto, em cada frase. Via-se que era uma pobre senhora, sem a menor parcela de culpa na tragédia, defendendo com veemência sincera o filho, procurando convencer a plateia invisível que a ouvia, a plateia que nós lhe havíamos dado por dever de imparcialidade. Descrevia o seu filho como o via, como o sentia, mãe extremosa, lutadora, que, para esquecer o seu próprio drama íntimo, se entregara bem cedo a uma vida de isolamento e silêncio.

Tudo isto compreendemos, Dona Abigail. Compreendemos e admiramos. Fosse outra a sua atitude, não tivesse aceitado o convite para falar por seu filho, a senhora que sempre falou em matéria de honra e dignidade por todas as omissões da família, deixasse a senhora de comparecer ante o imenso tribunal do lar, teria faltado a um dever.

Acontece, infelizmente, minha senhora, que a dor individual, a dor isolada de uma das mães, não poderia sobrepor-se jamais à da outra mãe que perdera a sua filha em condições miseráveis, não poderia fazer com que o sofrimento da mãe da vítima fosse de tal maneira esquecido e suplantado, que só pudéssemos ter pena e lamentar a sorte da mãe do acusado.

Dona Abigail, a senhora, na cegueira sublime, não pode sentir como o seu filho é lamentavelmente sórdido, profundamente desumano e extremamente cínico. Para as mães, Dona Abigail, os filhos são sempre crianças, são sempre anjos, são sempre

inocentes. Não lhes podem as mães, principalmente aquelas que se tornaram viúvas de maridos vivos e se refugiaram no amor dos filhos que lhes restavam como peças do lar, não lhes sabem as mães ver os defeitos, aceitar os erros, admitir os crimes. Lembrei-me ao vê-la, Dona Abigail, da mãe do bandido Giuliano descendo um atalho com o cadáver do filho nos braços robustos de velha camponesa. Dizia-lhe baixinho: “ – Não chore, filho, essa dor passa logo”. Para todos, o seu filho era um bandido que precisava morrer. Para ela, era apenas um menino levado que brincava principalmente de matar. Recordava-lhe, como a senhora deve recordar-se desse Ronaldo, do seu Ronaldo, os primeiros dentes, os primeiros passos, as primeiras palavras, o dia em que lhe disse pela primeira vez mamãe. Nunca a senhora admitiria que aquele anjo pudesse arrastar uma menina para a morte, depois de esbofetear-lhe a face até que o sangue lhe ensopasse o lenço. A senhora que tem filhas, Dona Abigail, preparou-as contra os Ronaldos alheios, contra os Ronaldos estranhos que rondam a honra e a vida das moças sem defesa. Comprendemos que a senhora ame, perdoe ou justifique o seu Ronaldo. Mas, não seria pedir muito às outras mães – principalmente àquela que perdeu a filha – que aceitassem, compreendessem, perdoassem o seu Ronaldo?

“ – Ele mesmo me disse que Aída era uma jovem honesta” – afirmou a senhora. Poderíamos indagar de seu filho: por que, então, se a havia levado para cima, não a trouxe para baixo, devolvendo-a à sua pureza, à sua honra, à sua família? Em vez disso, esse amor de menino, esse anjo de rapaz, de acordo com a sua confissão em juízo, esbofeteou-a, dilacerou-lhe as vestes, exauriu-a como se faz a um animal. Admitamos, Dona Abigail, que a senhora fosse a mãe da moça?

Condena-me a senhora, Dona Abigail, por lhe haver invadido o lar com a presença de uma impiedosa acusação, dia a dia, semana após semana, manchando a dignidade de sua família, tornando difícil a vida dos seus no seio da sociedade. Que dizer, então, Dona Abigail, das palavras más de seu esposo contra a honra da menina que morrera em estado de pureza, que dizer das palavras do pai de seu filho, Dona Abigail, quando disse a um jornal que “Aída subira em busca de amor”? Não era, acaso, a dignidade de uma pessoa morta – e portanto sem resposta – que ele agredia? Não era o único bem de uma família pobre – a honra que o seu marido enxovalhava desalmadamente? Como poderia a senhora, minha senhora, esperar que poupássemos a reputação de uma família – a sua família – cujo chefe se portara de maneira tão inescrupulosa? Ah, Dona Abigail, como dói a dor em nossa própria carne!

Não, Dona Abigail, honrada esposa, dedicada companheira, não era realmente a senhora quem estava no tribunal, não era a senhora aquela que a mãe de Aída Curi confundiu com a esposa do Senhor Edgard Castro, com a mãe do Ronaldo. Não era a senhora. Não era a senhora quem sorria com uma expressão de desprezo para a mãe de vestido simples e de alma humilde, a mãe pobre que vinha pedir justiça, para que a morte de sua filha não houvesse sido em vão. Não era a senhora.

Interrompa aqui a sua leitura, a leitura destas páginas, minha senhora. Infelizmente, a aura de sentidade que o seu esforço muito louvável desenhou sobre a cabeça do filho, é uma aura falsa. Interrompa aqui a sua leitura. O menino que ela criou se transformou num adolescente mau, de instintos baixos e perversos. “ – Certo dia” – conta-nos de próprio punho, num documento de firma reconhecida, o Sr. Carolino Machado Pedreira, presidente da Associação dos Ex-Combatentes do Brasil – Seção do Espírito Santo – jornalista profissional, registro MTIC 5225 – “no ano de 1956, aproximadamente às 23 horas, fui chamado ao telefone para uma ligação interurbana. Ronaldo Guilherme de Sousa Castro entrou no meu quarto e roubou a carteira do bolso da calça, sobre a cama, contendo 4.000 cruzeiros, 15 dólares, duas figas de ouro, fotografias de família, carteira do Sindicato de Jornalistas. Fui a casa de Ronaldo, pois todos os indícios me conduziam a ele. Acompanharam-me, como testemunhas, Djalma Alves, comerciante em Vitória, o Jornalista Jorge Lemos, o Vereador Isaías Botelho, então vice-presidente da Câmara Municipal, Antônio Mangia e outros. Como eu estava exaltado, meu amigo Djalma fez a exposição ao pai de Ronaldo. Este não se mostrou surpreso. Nesse momento, o herói apareceu. Seguiu-se um diálogo entre o pai e o filho, diálogo que jamais esqueceremos:

“ – Papai, eles estão mentindo”. (Ronaldo dizia isso sem a menor emoção dos que são acusados injustamente.)

“ – Cale-se! Foi você mesmo, seu safado. Depois nós conversaremos. Retire-se!”

“No dia seguinte, em seu gabinete da CESMAG, o dinheiro me foi devolvido, mediante um recibo. Antes de assiná-lo, pois falava em brincadeira e não em furto, consultei o meu advogado, Dr. Clóvis Stenzel, utilizando-me do próprio telefone do Sr. Edgard Castro, lendo o recibo que falava em “extravio”. Finalmente, resolvi aceitar a condição para recuperar os valores. O dinheiro, recebi de volta. Mas, as figas de ouro e

o resto, nunca mais. Alguns meses depois, um fotógrafo da Polícia encontrou os meus documentos e as carteiras na calha do telhado, tudo enrolado numa corrente e amarrado a um cadeado. O telhado fica num plano abaixo, nos fundos da residência do Sr. Edgard Castro, do outro lado da Rua Duque de Caxias.”

Poderíamos falar dos inúmeros casos de sadismo, de violência, de apropriação indébita em que esteve metido o menino irrecuperável. Poderíamos ridicularizar as alegações de pobreza de um funcionário inescrupuloso que toma posse de um cargo de chefia e no mesmo dia se aposenta, da sua ação no comércio do café, da sua prosperidade tão sabida de todos. Dona Abigail, na humildade de sua vida triste, pode ser pobre, talvez desconheça a verdadeira situação econômica de seu marido. Poderíamos, ainda, lembrar que essas viagens constantes, essas hospedagens nos hotéis de luxo, as idas a Mato Grosso, onde está Zilza, a testemunha X, tudo isto não pode ser custeado pelo soldo de um modesto funcionário. Nem a vida irregular, de malandro rico de Copacabana, que levava no Rio o seu filho Ronaldo.

De que serviria, porém, objetar-lhe todas essas coisas? Dona Abigail não pode compreender a maldade do próprio filho. No seu incomensurável amor de mãe, ela atribui à injustiça dos outros os crimes atribuídos ao seu filho. Seria desejar um sentimento quase sublime, uma renúncia quase divina, que ela olhasse o filho com os olhos de todos, principalmente das outras mães. Mas, Ronaldo não era um Carne-Seca, um Promessinha, um Cabeleira, bandidos pobres. Era o xodó de uma família cheia de influências políticas e de influências outras. Essas outras, principalmente, falaram alto. Não se poderia desejar que Dona Abigail viesse a público para agradecer ao acusador de seu filho. Nem por isso, entretanto, modifica-se o quadro. Ele para ela continua a ser um anjo. Para mim, continua a ser um canalha. Mesmo que seja absolvido pelo Júri, Ronaldo Guilherme de Sousa Castro, para mim, será sempre um canalha, porque só os canalhas arrastam meninas para terraços e as esbofeteiam friamente. Nem por isso os canalhas deixam de ter mães que se portam como santas senhoras e merecem o nosso respeito. Porque, para as mães, os morcegos são anjos.

Uma das características de Ronaldo é a covardia. Certa vez, provocara – durante uma festa – a um rapaz que é hoje funcionário do Banco do Brasil, em Vitória. Vendo a disposição de Renato de reagir na hora, amedrontou-se, afastando-se. Ao final da festa, Ronaldo retirou-se mais cedo e tocaiou o rapaz num recanto escuro da rua. Renato, que havia bebido um pouco, foi surpreendido por Ronaldo, não tendo tempo para esboçar

defesa. Compare-se agora, pela característica da agressão, a semelhança com os sinais encontrados no corpo de Aída: Renato foi selvagemmente mordido no rosto e unhado pelo corpo, tendo as vestes rasgadas.

Ronaldo foi recordista em expulsões de hotéis, em Vitória. No Universal, por roubo e atitudes suspeitas no terraço, como já foi citado acima. Em 1957, foi expulso do Hotel Canaã – um dos melhores da Capital – pois a gerência recebera queixas de que Ronaldo – ali hospedado – costumava bater nas portas dos apartamentos e importunar, com propostas indecorosas, as senhoras ou moças, mesmo desconhecidas.

A fase de ouro de Ronaldo foi durante os anos de governo do Sr. Francisco de Aguiar. Menino mimado, “out-law” chapa-branca, suas falcatruas eram encobertas pelo governador. Não há sequer – dentro da Polícia capixaba – uma anotação no livro de queixas da Chefatura, com referência aos constantes delitos de Ronaldo (os provados e testemunhados, como foi o caso do roubo do Hotel Universal, do qual foi conseguido um relato firmado). Não por culpa total da Polícia, mas por pressão e até coação exercida pelo governo contra policiais íntegros, como aconteceu ao Detetive Hercílio Chagas, ameaçado, já depois do assassinato de Aída, por ter feito um levantamento da vida de Ronaldo, o qual foi enviado à Polícia carioca. Na fase referida, o Sr. Edgard Castro – até então um pobre coitado – entrou pela janela da CESMAG, companhia que representa o “trust” cafeeiro do Estado, no polpudo cargo de diretor-gerente.

Quem melhor pode informar sobre a vida escolar de Ronaldo é o Pe. Matos, que havia lecionado no Ginásio Salesiano e está atualmente no congênere, em Niterói, onde foi também professor de Ronaldo.

Contudo, o cinismo de Ronaldo foi mais uma vez comprovado e realçado, agora, após uma impronúncia do processo sobre a morte de Aída, deferida pelo Sr. Juiz Sousa Neto. Num momento em que uma pessoa normal procuraria – aproveitando a chance – isolar-se num lugar desconhecido e anônimo, entrou garbosamente, como um marechalzinho condecorado pelo crime, em sua terra natal, Vitória.

As suas atitudes posteriores definem, sumariamente, seu caráter. Numa sequência de “short” cinematográfico (felizmente foi apenas um “short”), Ronaldo tentou incendiar uma “lambreta” em frente à sua casa; quis surrar um velho indefeso após quase atropelá-lo, só sendo impedido pela turma irada de capixabas que quase o linchou. E para aplaudi-lo tinha um pequeno fã-clube de mocinhas ainda em idades de

levar chineladas onde as crianças costumam levá-las. Estas, pediam-lhe autógrafos, passavam voando à garupa da “lambreta” de Ronaldo ou num carro aberto, pelas ruas principais, formando o cortejo da (até então) impunidade. Nas praias cercavam-no como macaquinhas, a solicitarem autógrafos. Em seus passeios tranquilos pela praça principal, Ronaldo comentava, com o maior desprezo, detalhes da morte daquela que, para ele, foi uma aventura banal e teve o azar de morrer. O Dr. Amorim, atual Delegado de Segurança Pessoal, é um dos que tiveram o desprazer de comprovar isto tudo.

Este é o filho de Dona Abigail.

\*\*\*